

Brasil

Índios corubos matam sertanista

■ Em 20 anos, a tribo, uma das mais violentas da Amazônia, foi responsável pelo assassinato de 9 funcionários da Funai e da Petrobrás

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA - Os índios corubos, que após vários anos de isolamento entraram em contato no ano passado com uma expedição chefiada pelo sertanista Sidney Possuelo, mataram ontem o auxiliar de sertanista Raimundo Batista Magalhães, conhecido como Sobral. A Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não tem detalhes sobre o ataque dos índios, que vivem no vale do Rio Javari (Amazonas), próximo da fronteira com a Colômbia. Nos últimos 20 anos, os corubos, conhecidos como *índios caceteiros* por utilizarem bordunas como arma, já haviam matado sete servidores da Funai e dois funcionários da Petrobrás.

Possuelo viaja hoje ao encontro da frente de atração dos índios arredios. Às 11h45 de ontem, a Funai recebeu a informação, pelo rádio da frente, de que um grupo de corubos - cinco homens, quatro mulheres e duas crianças - havia chegado às margens do Rio Itaquai, onde está ancorado o barco da Funai. Possuelo não sabe o motivo da reação dos índios. "Os corubos, nas últimas décadas, estão sendo dizimados por madeireiros. A tentativa de um novo contato foi para evitar a extinção do grupo", disse o sertanista. A Funai tem notícias, a partir de 1966, de confrontos entre índios pessoas da região.

Alucinógeno - Possuelo contou que antes de deixar a frente de atração, há dois meses, conversou sobre a situação dos corubos com Sobral, que o acompanhava em expedições há 20 anos. "Alertei para a necessidade de cuidado, porque observamos que os índios tomam um tipo de alu-

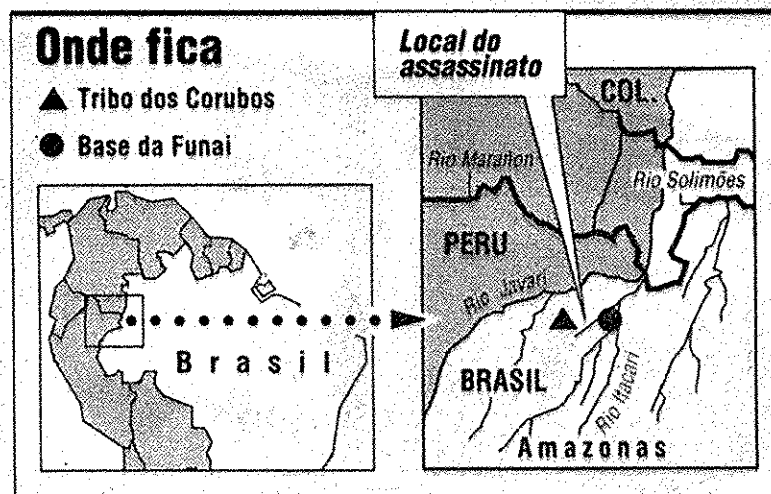
cinógeno e, nessas ocasiões, ficam agressivos. Pode ser que nesses momentos eles revivam os massacres que sofreram e, mesmo mantendo um contato amistoso com a Funai, decidam atacar", afirma o sertanista.

Possuelo não acredita que possa ter ocorrido um novo enfrentamento com madeireiros porque os rios que dão acesso ao Vale do Javari estão bem vigiados. "De resto, tudo é possível, até mesmo alguma infelicidade na forma de conduzir o contato com os corubos", afirma o sertanista. O corpo do sertanista está sendo levado de barco até Tabatinga, onde será embalsamado, e depois será transportado até a cidade de Altamira, no Pará, onde vive a sua família.

De outubro até agora os índios fizeram cerca de 30 visitas até o local onde a equipe da Funai está instalada. Foi para evitar um ataque que Possuelo optou por deixar mateiros e sertanistas no rio, e não em acampamento na mata, como ocorre nas expedições da Funai.

O contato de outubro foi feito depois de um *namoro* de dez meses. A expedição colocou presentes nas trilhas usadas pelos índios e chegou a visitar uma aldeia abandonada. O primeiro contato na mata, no dia 15 de outubro, foi nervoso. Primeiro se aproximaram os homens, e só depois as mulheres. Até agora a equipe da Funai não visitou a aldeia onde o grupo está vivendo. Existem outros corubos espalhados pela região, que ainda não fizeram contato com a Funai.

Sete servidores da Funai já haviam morrido em outras tentativas de contato com os corubos, desde que o governo militar decidiu construir a rodovia Perimetral Norte. A estrada nunca foi concluída.



TRÊS DÉCADAS DE MASSACRES

- Entre 1966 e 1969 - Notícias de desaparecimento e morte de madeireiros a cacetadas no Vale do Javari, próximo à fronteira com a Colômbia. Informações de rapto de crianças, filhas de ribeirinhos, pelos corubos.
- 1974 - Após o primeiro contato oficial entre corubos e sertanistas, em 1972, morre um servidor da Funai e outro fica inválido num ataque na região do Correia.
- 1975 - Índios matam o servidor Jaime Pimentel. Morre uma cozinheira da Funai
- 1981 - Madeireiros atacam os corubos na localidade de Volta do Binda. Não se sabe o número de mortos.
- 1982 - É morto o ex-servidor da Funai, Adalberto, no Rio Branco.
- 1982 - Os índios matam os servidores da Funai Amélio Wadick e José Paéfico a golpes de borduna, quando voltavam de pescaria.
- 1983 - Os índios matam a fle-

chadas um funcionário da Petrobrás

■ 1984 - Os corubos matam o garimpeiro Oscar Evangelista próximo ao Rio Coari e no acampamento da Petrobrás um servidor da Funai e outro da empresa.

■ 1985 - A casa do madeireiro José Nelson da Silva Costa foi atacada pelos corubos. Quebraram muitos objetos durante a ausência dos moradores.

■ Entre 1985 e 1997 - São inúmeras as informações de ataques dos corubos e massacres organizados pela população da região contra os índios.

■ 1997 - Assassinato do auxiliar de sertanista Raimundo Batista Magalhães, o Sobral, por índios corubos, no vale do Rio Javari, próximo à fronteira com a Colômbia. Funcionário do posto da Funai no Rio Itaquai. Raimundo teria sido atacado durante uma caminhada pela mata após des-cuidar-se e se afastar da base.

Violentos e arredios

Temidos pelos brancos por sua agressividade na presença de qualquer estranho, os corubos - também conhecidos como *caceteiros* por usarem bordunas como armas - são uma espécie ameaçada de extinção. As primeiras informações sobre os corubos surgiram com os trabalhos de abertura da rodovia Perimetral Norte, em 1972. Naquela época eles somavam cerca de 400 índios. Agora, de acordo com a Funai, restam apenas 40.

Pouco se sabe sobre os corubos, nem mesmo sua autodenominação. As pressões que sofrem sobre o seu território tradicional, segundo a Funai, fizeram com que os índios alterassem a sua rota tradicional de perambulação. Acuidos, os índios costumam aparecer nas vizinhanças de pequenas comunidades de ribeirinhos localizadas às margens dos rios Quixito e Itaquai, próximo à cidade de Atalaia do Norte, na fronteira do Brasil com o Peru. "São índios sobreviventes em muitos casos que têm contato esporádico com a população não-índia", explica o sertanista Sidney Possuelo.

Em 1974, os índios atacaram o posto da Funai, mataram dois funcionários e feriram outro. O órgão construiu outro posto de atração próximo ao local e novamente os índios atacaram, matando outro funcionário. No ano seguinte, a frente foi desativada.

Só em 1982 foi recriada uma

nova frente de atração, a do Rio Itaquai. Os corubos reagiram novamente, matando dois indígenas. A partir daí, a tribo ficou entregue à própria sorte, enquanto a região era ocupada por madeireiros, exploradores de borracha e caçadores. Além de dois funcionários da Petrobrás, que em 1984 realizavam pesquisas de prospecção próximo à região habitada pelos índios, foram muitos os mortos nos últimos anos pelos corubos.

O primeiro massacre de corubos confirmado pela Funai ocorreu em 1989. Três corpos enterrados na margem do Rio Itaquai apareceram com a enchente. Os documentos foram entregues pela Funai à Justiça, mas até hoje ninguém foi punido.

No ano passado os corubos atacaram duas vezes. A última investida ocorreu há três meses. "As circunstâncias em que ocorrem as mortes, quando o corpo é mutilado e o crânio esfacelado, geram, naturalmente, um sentimento de horror e revolta", afirmou, na época, Sydney Possuelo.

Extremamente arredios, os corubos, conforme explicou Possuelo "tentam alcançar lugares mais inacessíveis na selva até serem novamente alcançados por outro e mais outro empreendimento, eternizando o ciclo vicioso de uma existência de fugas e sobressaltos". O caso de ontem provou mais uma vez a dificuldade do contato entre brancos e a tribo.